

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS CONCEPÇÕES PRAGMÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Fabrizia Miranda de Alvarenga Dias (UENF)

diasfabrizia@gmail.com

Moniki Aguiar Denucci (UENF)

moniki_denucci@hotmail.com

Daniele Fernandes Rodrigues (UFF)

dani.uenf@gmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

As pessoas autistas apresentam dificuldades nas concepções pragmáticas, compreendendo os enunciados em sua forma literal. A linguagem pragmática é aquela que analisa o contexto todo, não se limitando apenas a uma abordagem denotativa, mas sim uma abordagem conotativa, buscando compreender as entrelinhas do discurso. Nesse sentido, este estudo pretende conhecer o impacto da linguagem pragmática nas relações de pessoas autistas no contexto escolar. Esta pesquisa é de cunho qualitativo, pautada na revisão bibliográfica, com autores que dialogam sobre a temática proposta. Ao finalizar este estudo, verificou-se que o profissional da educação ao conhecer as dificuldades do estudante autista, pode debruçar-se em uma construção linguística mais específica e inclusiva, visando uma melhor *performance* acadêmica para o estudante autista.

Palavras-chave:

Contexto Escolar. Linguagem Pragmática. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Autistic people have difficulties in pragmatic conceptions, understanding the statements in their literal form. The pragmatic language is the one that analyzes the whole context, not being limited only to a denotative approach, but a connotative approach, seeking to understand between the lines of the speech. In this sense, this study aims to know the impact of the pragmatic language in the relationships of autistic people in the school context. This is a qualitative research, based on literature review, with authors who dialogue on the proposed theme. At the end of this study, it was verified that the professional of education, by knowing the difficulties of the autistic student, can focus on a more specific and inclusive linguistic construction, aiming at a better academic performance for the autistic student.

Keywords:

Pragmatic Language. School Context. Autistic Spectrum Disorder.

1. Introdução

A linguagem para ter sentido e ser interpretada é necessário a utilização de uma língua. Desse modo, as pessoas constroem as suas relações com a natureza e com outros indivíduos. Assim, a concepção de sociedade ganha existência pela língua. Entretanto, as pessoas autistas estão em uma comunidade de falantes que possuem dificuldades na comunicação, com significativas limitações nas interações sociais, por tratar-se de um transtorno do neurodesenvolvimento, atualmente denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresenta déficits nas habilidades sociais e de pragmática causando prejuízos na emissão, recepção de mensagens e ainda afetando diretamente à *performance* acadêmica dessas pessoas (DSM-V, 2014).

Frente a este cenário, esta pesquisabusca responder a seguinte questão problema: De que forma a linguagem pragmática pode impactar na comunicação de pessoas autistas no contexto escolar? Ao tratar essa questão, a hipótese principal é de que as questões relacionadas à linguagem pragmática podem impactar negativamente na comunicação de pessoas autistas no contexto escolar, visto que o aluno autista tende à compreensão literal de sentenças e das mensagens contidas nas entrelinhas da linguagem falada e escrita, o que pode afetar diretamente os resultados acadêmicos e dificultar a comunicação com os professores ecolgas.

Portanto, para refletir sobre essas questões, esta pesquisa é de cunho qualitativo e empenha-se em conhecer o impacto da linguagem pragmática nas relações de pessoas autistas no contexto escolar, por meio de uma revisão bibliográfica composta de autores que dialogamsobre o tema proposto.

2. Tea e linguagem pragmática

A linguagem faz parte do universo humano e o seu desenvolvimento adequado é um dos fatores fundamentais para que o desenvolvimento infantil ocorra de forma harmônica em todas as esferas da vida do indivíduo. A pragmática é um ramo do estudo da línguística que começou a ser investigado nos anos 80 e analisa a linguaem considerando toda sua influencia no contexto de comunicação e extrapolando a visão da semântica e da sintaxe. Assim, ela irá tratar do ramo da línguística que analisa o uso concreto da linguagem pelos falantes de uma língua em seus variados contextos (Cf. LÓPEZ, 2020).

Esse campo de estudo da língua, portanto, se concentra no estudo das situações comunicacionais e como os aspectos extralinguísticos influenciam a emissão e interpretação das falas dos interlocutores. Neste sentido, a perspectiva pragmática desenvolve uma série de noções que são necessárias para alcançar uma visão abrangente da comunicação. Dentro desse contexto, é possível afirmar que o ato de fala é uma implicação sociocultural e que possui grande impacto sobre as formas de se comunicar e que por meio do uso da linguagem, o falante realiza uma ação com o objetivo de modificar situações entre interlocutores (Cf. LÓPEZ, 2020).

A Pragmática, portanto, é uma área da linguística, cuja função é estudar os discursos que acontecem em diferentes contextos, formando situações comunicativas diversas. É uma área voltada para a prática linguística, tendo como foco maior, os usos da língua.

A nomenclatura pragmática pode ser conferida a Charles Morris (1938), que classificou a ciência dos signos em três áreas: a sintática, a semântica e a pragmática, responsável por ligar com fenômenos biológicos, psicológicos e sociólogos, existente na relação entre signo e sujeito.

Ao buscar conceito(s) sobre a pragmática, é importante saber que essa definição depende de qual escola cada teoria está, bem como aponta Huang (2007). Por exemplo, a escola anglo-americana conceitua pragmática como um estudo organizado de significados que são dependentes do uso da linguagem. Nesse instante, a pragmática esta- belece-se no mesmo nível que a sintaxe, semântica e fonologia. Ainda, na escola europeia, a definição de pragmática é mais ampla, sendo incorporada a outras áreas, como a sociolinguística, psicolinguística, análise do discurso, como outros. Ademais, há ainda a escola londrina, simbolizada por Deirdre Wilson, que atinge uma das máximas de Grice, ou seja, a relevância, desenvolvendo uma teoria mais aprofundada (Cf. SILVA, 2014).

De acordo com Yule (1996),

Pragmática é o estudo das relações entre formas linguísticas e os usuários dessas formas. Em uma distinção tripartida, apenas a pragmática permite os seres humanos na análise. A vantagem de estudar a linguagem via pragmática é que podemos falar sobre as intenções de significado do falante, suas suposições, seus propósitos e objetivos, e sobre os tipos de ações (por exemplo, pedidos) que eles executam quando falam. (YULE, 1996, p. 4)

As crianças com TEA são caracterizadas pela dificuldade em sua linguagem receptiva, expressiva e compreensiva. E entre os componentes comunicacionais que envolvem a linguagem, a pragmática é um dos domínios mais afetados. As pessoas que tem dificuldades envolvendo a pragmática apresentam dificuldade de compreender a mensagem ou em permitir que outras pessoas saibam que o significado foi compreendido. Deste modo, essa dificuldade vem da ausência da teoria da mente, estando relacionada a problemas na compreensão cognitiva, social e semântica (Cf. BURILLO *et al.*, 2017).

Para tal, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V, que tem grande importância quanto a definição acerca dos diagnósticos dos transtornos mentais, define o TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento, com aspectos e características próprias, que norteiam os profissionais da saúde, a nível mundial, sobre o diagnóstico do transtorno:

[...] déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (DSM-V, 2014, p. 32)

O transtorno do espectro autista, apresenta diferentes níveis de gravidade, que exigem apoio conforme às necessidades apresentadas pelo indivíduo com TEA, em termos de comunicação e interação social: 1) exigindo apoio; 2) exigindo apoio substancial e 3) exigindo apoio muito substancial. Dessa forma, o indivíduo com TEA, de acordo com o seu nível precisará de mais ou menos suporte de equipe multidisciplinar e apoio no campo acadêmico. (DSM-V, p.36).

Nesse sentido, Cunha (2017) aponta que a linguagem é um dos comprometimentos que mais levam esses indivíduos ao diagnóstico e destaca que:

[...] além de haver um acentuado comprometimento do uso de múltiplos comportamentos não verbais (contato visual direto, expressão facial, posturas e linguagem corporal) que regulam a interação social e a comunicação, pode ocorrer também atraso ou ausência total do desenvolvimento da linguagem falada. Nos indivíduos que chegam a falar, existe a capacidade de iniciar ou manter uma conversação e a ecolalia. (CUNHA, 2017, p. 27)

Dentro dessa perspectiva, Saussure (1916), ressalta que a língua é um fato social, que as pessoas adquirem por meio das vivências sociais e,

assim, a constituição de uma língua ocorre através da linguagem, sendo um produto social dessa faculdade. Dessa forma, a linguagem é de natureza social universal, sendo a língua parte desse todo, apresentada de forma sistematizada dentro de padrões que configuram uma realidade social (Cf. CAMACHO, 2006)

Bakhtin (1929), contrapondo à intenção saussureana, aponta a relevância da comunicação social, já que é na interação verbal que se funda a realidade fundamental da língua. Jakobson (1960), contempla em seus estudos que o processo comunicativo acontece de forma ampla e ultrapassa as barreiras de análise de forma estrutural. O autor apresenta aspectos funcionais da linguagem, citando que no processo comunicativo há fatores que constituem o ato de comunicação verbal, tais quais: o remetente, a mensagem, o destinatário, o contexto, o canal e o código.

Segundo Rangel (2004),

A abordagem da linguagem mudou com o passar dos tempos. Antes da mudança da linguística tradicional, as proposições eram analisadas pelos critérios de verdade ou falsidade e com a teoria dos performativos de Austin, houve uma redimensionada nos estudos linguísticos [...] passaram a ser considerados os fatores externos: sujeitos (falantes e ouvintes) e as condições de produção na constituição dos sentidos dos enunciados. (RANGEL, 2004, p. 1)

Nesse sentido, estudar a linguagem pelo viés pragmático é compreender as entrelinhas, intenções, até mesmo aquilo que não foi dito. Conceituar esse fenômeno não é algo simples, Levinson (1983), em seu livro intitulado *Pragmática*, demonstra que a pragmática apresenta diferentes definições. O autor não traz uma definição própria, mas acredita que ela está ligada a outros campos linguísticos. Leech (1983) aponta que a pragmática é o estudo sobre a maneira como os enunciados se elencam em diferentes significados de acordo com suas situações.

A autora Victoria Wilson (2011), no capítulo “Motivações Pragmáticas”, presente no livro *Manual de Linguística*, organizado por Mário Eduardo Martelotta, apresenta que o estado atual da pragmática compreende o uso da língua e a forma como ela é utilizada em suas interações verbais, não determinando a dicotomia presente entre fatores internos e externos da língua. Essa ideia faz parte da estabilidade e regularidade dos costumes sociais e linguísticos, “como padrões, crenças e convenções, bem como as tensões, as controvérsias e as rupturas” (WILSON, 2011, p. 90).

Os discursos estão inseridos na “imensa fábrica social, na qual não apenas as palavras estão entrelaçadas, mas os atos e as vidas humanas” (MEY, 1993, p. 194). Nesse contexto, a pragmática emerge quando as ciências da linguagem começam a tentar solucionar problemas práticos, empenhando-se para compreender os fenômenos linguísticos, seguindo as diferentes formas de compreendê-los e visualizá-los.

Dessa forma, a linguagem pragmática emerge com uma contextualização relevante para este estudo, visto que o cerne desta pesquisa é a compreensão dos impactos da linguagem pragmática na comunicação de pessoas autistas no contexto acadêmico. Assim, abordaremos na próxima seção, o entrelaçamento entre os aspectos da linguagem pragmática e os impactos que podem ocorrer no ambiente escolar quando se trata de pessoas autistas.

3. O tea as concepções pragmáticas no contexto escolar

A linguagem possui suas dimensões e dessa forma podemos citá-las como: (fonologia, morfologia e sintaxe), o conteúdo da linguagem (semântica) e o uso da linguagem (pragmática). O uso da linguagem, o contexto da comunicação é o que podemos chamar de pragmática. A pragmática está para além da construção da frase, objeto da sintaxe ou significado e semântica (Cf. ACOSTA *et al.*, 2006).

Acosta *et al.* (2006), afirmaram que a pragmática estuda o funcionamento da linguagem em contextos sociais, situacionais e comunicativos. Trata do conjunto de regras que tem objetivo de explicar e regular o uso intencional da linguagem, em um sistema social compartilhado. Nesse sentido, é relevante afirmar que a linguagem é um instrumento de interação social e de comunicação, sendo uma atividade que tem como finalidade geral a comunicação, da qual derivam as finalidades específicas denominadas de funções.

Dessa forma, as intenções comunicativas e a compreensão do mundo social está ligada às habilidades sociocognitivas que nos permite atribuir estados mentais ao outro, como os desejos, intenções e as crenças. Uma das dificuldades das pessoas autistas, diz respeito à compreensão da pragmática, principalmente no que se refere a expressões não literais (PANCIERA *et al.*, 2019).

A pessoa autista é considerada neuroatípica, por se tratar de um transtorno do neurodesenvolvimento com dificuldades no campo da co-

municação, formando uma comunidade de fala dentro do ambiente escolar, que possuem peculiaridades inerentes em sua forma de tratar a linguagem (Cf. FADDA; CURY, 2016).

As expressões não literais nos atos comunicativos são aquelas em que o reconhecimento das palavras não é suficiente para a compreensão do que está sendo dito e neste sentido a extração e a produção de significado pode ocorrer dentro de um grande espectro de complexidade. Assim, os indivíduos com TEA apresentam dificuldades particular quanto a compreensão de enunciados não literais e, portanto, podendo surgir quebras no contexto comunicacional (Cf. PIJACKER *et al.*, 2012).

De acordo com Panciera *et al.* (2019), têm evidenciado não haver prejuízo no desenvolvimento da linguagem em crianças autistas nos aspectos sintático, morfológico e fonológico da língua, e por outro lado, tem revelado déficits importantes na dimensão da pragmática, o que reforçaria a hipótese de que as dificuldades das pessoas com TEA estão ligadas às limitações na compreensão da dimensão pragmática.

Mousinho (2010, p. 386), ressalta que “as dificuldades nas habilidades sociais e pragmáticas estão no cerne das dificuldades no autismo”. Sendo a “palavra” entendida e utilizada pelas pessoas autistas de forma literal. O seu uso, na vida diária por esse grupo de pessoas, torna-se um empecilho à sua interação social.

Fillmore, em 1979, propôs o termo “falante/ouvinte inocente” com o objetivo de retratar um indivíduo que reconhece estruturas gramaticais, sem, no entanto, estabelecer inferências. Assim, a pessoa teria a capacidade para reconhecer estruturas gramaticais e processos que envolvessem morfemas e seus significados, mas não teria a capacidade de fazer inferências entre o que diz e o que o outro ouve, com um discurso que se apresentaria de forma lenta, pedante e cansativa.

A respeito das dificuldades do falante/ouvinte inocente, Mousinho (2010), afirma que

[...] dentre as suas limitações, apresentaria o discurso baseado na composicionalidade. O falante inocente não seria capaz de atribuir significados à reunião de alguns morfemas, pois tenderia apenas a somar o significado de seus constituintes. Um exemplo, facilmente traduzido para o português, é a diferença entre carcereiro (*jailer*) e prisioneiro (*prisoner*). Cárcere e prisão apresentam significados similares, mas ao se acrescentar o sufixo *eiro*, e todas as suas possibilidades de uso, deixam de ter o mesmo significado, fato dificilmente assimilado pelo falante/ouvinte inocente. O falante/ouvinte inocente também apresentaria dificuldades com expres-

sões idiomáticas (*lexical idioms*). Se ouvisse, por exemplo, a expressão “*Your goose is cooked*” (Seu ganso está cozinhando), que poderia corresponder em portuguesa “*Sua batata está assando*”, ele poderia ficar: preocupado com o ganso (no caso em inglês) se ele tivesse um; feliz, caso tivesse trazido para o jantar um ganso ou uma batata; confuso, caso não tivesse nem um, nem outro. (MOUSINHO, 2010, p. 388)

Ao recorrer às ideias de Woods (2017), destaca-se que o modelo estudado por ele e por outros autores, fundamentou a teoria para a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo (BRASIL, 2007), sendo incorporada à legislação brasileira (ratificada com força de Emenda Constitucional por meio do Decreto Legislativo nº 186/2008 e do Decreto nº 6.949/2009), norteando práticas voltadas aos indivíduos que apresentam deficiências, incluindo os autistas.

Nesse contexto, a Lei nº 12.764/12, aprovada em 2013, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, ressaltando as características para diagnóstico: “Ciência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades” (BRASIL, 2012, art 1º, § 1º). Desse modo, por meio dessa lei, reivindicou-se o respeito às diferenças, às posições políticas e aos direitos desses indivíduos.

Nessa perspectiva, é necessário que haja uma mobilização de recursos sociais e de saúde na promoção de ações que propiciem mudanças ambientais necessárias, que garantam à convivência e inclusão das pessoas autistas na sociedade e no espaço escolar.

Zaks (2015, p. 478) aponta que “uma crescente aliança entre pessoas autistas, pais e educadores defensores da neurodiversidade possibilitou inovações para um mundo aberto à diversidade autista”. Desse modo, já existem escolas inclusivas, como exemplo dessas inovações, com espaços silenciosos voltados para o aluno com TEA, evitando, assim, crises por conta da sobrecarga sensorial (Cf. ZAKS, 2015).

A ideia de uma escola inclusiva, em um processo bilateral, remete a um modelo social da deficiência, retirando o foco do indivíduo, buscando estabelecer uma relação em que sujeito e sociedade se tornem participantes para construir um processo inclusivo mais eficaz, o que pode garantir condições de participação da “comunidade autista”, de acordo com as suas potencialidades e níveis de desenvolvimento (Cf. CARVALHO; MARQUEZAN, 2003).

A perspectiva de um ensino inclusivo necessita que em sala de aula, a turma compreenda que todos são participantes do processo. Cunha (2016), ressalta:

O aluno que tem autismo faz parte de um grupo, pertence ao ambiente escolar. Todos os que estão ali têm coisas parecidas e diferentes; todos são importantes; ninguém é insubstituível, mas todos fazem falta. O professor pode propor atividades e formas de comunicação que todos compartilhem. Adaptar currículo, práticas pedagógicas e materiais de desenvolvimento poderá ser um bom caminho para tal fim. (CUNHA, 2016, p. 116)

Desse modo, as práticas docentes devem trazer atividades de acordo com o foco de interesse do aluno autista, para que de forma gradativa e constante, ainda que seja a pequenos passos, esse indivíduo tenha a possibilidade de seguir em frente descobrindo novas experiências em seu aprendizado. Para tanto, é preciso um bom material pedagógico leva o aluno autista a demonstrar comportamentos e habilidades que vão variando até alcançar melhores desempenhos (Cf. CUNHA, 2016)

No entanto, Cunha (2016, p. 118), alerta que “não há dois alunos iguais; não há dois aprendentes com autismo iguais: o que funciona para um poderá não funcionar para outro”. O autor acrescenta ainda que “haverá conquistas e erros, muitas vezes mais erros do que conquistas, mas o trabalho jamais será em vão”.

Cunha (2016), afirma ainda que:

[...] o professor deve estimular a capacidade de concentração durante as tarefas, pois, como já falamos, por causa das suas dificuldades comunicativas, o que mais impede o aprendizado das pessoas com autismo na vida cotidiana é o déficit de atenção à fala de alguém ou aos processos de aprendizagem. (CUNHA, 2016, p. 120)

As práticas pedagógicas revestem-se, de uma “violência simbólica”, decorrente da imposição, de uma cultura e um poder arbitrários, que parecem ter sido deduzidos de princípios universais. Para os autores essa arbitrariedade são baseadas nas relações de força entre os grupos sociais e que no espaço escolar não se reconhece a “legitimidade da variação linguística” e a transforma em “erro” e patologia, medicalizando, por meio dos profissionais da saúde, o fracasso escolar. (Cf. BOURDIEU; PASSERON *apud* CAMACHO, 2006).

No entanto, Cunha (2016), propõe que no espaço escolar o professor poderá abarcar preceitos da aprendizagem que poderão ser usados tanto para alunos autistas quanto para os demais discentes, tais quais:

A descoberta de que as pessoas ao redor são importantes; a valorização da amizade; afetividade e amor; que o convívio com todos da escola ajuda-os na construção do conhecimento; que aprender as rotinas diárias poderá contribuir para a independência e a autonomia; que compartilhar sentimentos e interesses é uma forma de comunicação e que faz parte dos processos inclusivos. (CUNHA, 2016, p. 119)

Portanto, o homem, enquanto ser humano, se expressa por meio da fala atendendo às condições do comportamento verbal do meio em que vive, procurando se fazer compreender e ser compreendido; e esta é a beleza da língua: a diversidade.

4. Conclusão

As pessoas autistas possuem dificuldades significativas na comunicação através da linguagem pragmática que afetam as suas relações com professores e colegas no contexto escolar. Nesse sentido, as pessoas afetadas pelo TEA fazem parte de uma comunidade de fala, pois apresentam uma forma padrão de falar e compreender o seu interlocutor, ou seja, costumam não compreender as entrelinhas de sentenças não literais, trazidas pela linguagem figurada.

Nesse cenário, embora a linguagem seja considerada de natureza social e disponível a todos por meio da língua, quando um professor solicita do aluno autista respostas subjetivas a questões abstratas o estudante autista pode não compreender e emitir uma resposta inadequada ao contexto do assunto demandado. Em relação à interação com os colegas, o estudante autista pode apresentar dificuldades no entendimento de uma piada contada, em que se encontra implícita uma mensagem engraçada, no entanto, não compreendida por ele e que todos os colegas rirão e ele não, o que o faria sentir-se diferente e observado pelos seus pares.

Assim, ao conhecer sobre o que discorre os autores sobre como a linguagem pragmática impacta na comunicação das pessoas autistas no contexto escolar, constatamos que as questões relacionadas à linguagem pragmática podem impactar negativamente nas relações das pessoas autistas com os professores e colegas, por se tratar de limitações que envolvem a compreensão literal da linguagem falada e escrita.

Portanto, é relevante ressaltar que à medida que os professores conheçam as questões levantadas nesse estudo, poderão contribuir melhor para o aperfeiçoamento de práticas pedagógicas inclusivas, além disso, auxiliar os estudantes autistas nas relações com os seus pares no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA M. V.; MORENO A.; RAMOS, V.; QUINTANA, A.; ESPINO, O. *Avaliação da linguagem. Teoria e prática do processo de avaliação do comportamento infantil*. São Paulo: Santos, 2006.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIN, F. (Org.). *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 123 (título original, 1929)

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1976, p.27.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.

BRASIL, *Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012*. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil.

BRASIL. *Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Protocolo Facultativo sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Brasília: SEDH, CORDE, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14.10.2021.

BRASIL. *Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012*. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 14.10.2021.

BRIGHT, W. As Dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M.S.;

- NEVES, M.F. (Orgs). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- BURILLO, M. et al. *La comprensión pragmática en el niño TEA*. Universidade Zaragoza, 2017. Disponível em: <https://zaguan.unizar.es/record/64579>. Acesso em 23 de novembro.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIN, F. (Org.). *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez. 2006.
- CARVALHO, R. C.; MARQUEZAN, R. Representações sociais sobre a deficiência em documentos oficiais. *Revista Educação*. Santa Maria-RS, v. 28, n. 2, p. 1-5, jul/dez., 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/4169/2505>. Acesso em: 18.10.2021.
- CUNHA, E. *Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.
- _____. *Autismo e Inclusão: Psicopedagogia Práticas Educativas na Escola e na Família*. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.
- FADDA, G. M.; CURY V.E. O enigma do Autismo: contribuições para a etiologia do transtorno. *Revista Psicologia em Estudo*, v. 21, n. 3, p. 411-23, Maringá, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/30709>. Acesso em: 06/10/2021.
- FILLMORE C. Innocence: a second idealization for linguistics. *Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: University of Califórnia; 1979.
- GOMES, S. A. M.; TERÁN, E. N. *Transtornos de aprendizagem e autismo*. São Paulo: Cultural, 2014.
- HAGE, V. R. S.; PINHEIRO, C. A. L. Desenvolvimento típico de linguagem e a importância para a identificação de suas alterações na infância. In: LAMÔNICA, C.A.D.; BRITTO, O.B.D. *Tratado de Linguagem: perspectivas contemporâneas*. São Paulo: BookToy, 2018.
- HUAN, Y. *Pragmatics*. Oxford: The oxford book, 2007.
- HYMES, D. The ethnography of speaking. In: GLADWIN, T.; STUTERVANT, W.D. (Orgs). *Anthropology and human behavior*. Washington, D.C.: The Anthropological Society of Washington, 1964. (título original, 1962)

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: _____. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970. 123p. (título original, 1960)

LABOV, W. *The stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.

LAMÔNICA, C. A. D.; BRITTO, O. B. D. *Tratado de Linguagem: perspectivas contemporâneas*. São Paulo: BookToy, 2018

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. Routledge: London, 1983.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Cambridge Textbooks in Linguistics, 1983.

MOLLÁ LÓPEZ, Alejandro et al. *Desarrollo de la competencia pragmática en la clase de ELE con niños con trastorno del espectro autista (TEA)*. Universidade de Cantabria, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unican.es/xmlui/handle/10902/19705>. Acesso em: 27 de novembro.

MARCONDES, C. F. *Dicionário da Comunicação: 2. ed.* São Paulo: Paulus, 2014.

MATOS, C. M. S. *Compreensão de linguagem não-litera em crianças com Perturbações do Espectro do Autismo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa/Portugal, 2012.

MEY, J. *Pragmatics: an introduction*. Oxford: Blackwell, 1993.

MOUSINHO, R. O falante inocente: Linguagem pragmática e habilidades sociais no autismo de alto desempenho. *Rev. Psicopedagogia*, 27(84), p. 385-94, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v27n84/v27_n84a08.pdf. Acesso em 06/10/2021.

NARO, Anthony; SCHERRE, Marta. Variação e mudança lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 20, p. 9-16, 1991.

NEIVA, E. *Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia*. São Paulo, Publifolha, 2013.

OLIVEIRA, J. A. *Comunicação e educação: uma perspectiva pragmática*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-jair-comunicacao-educacao.pdf>. Acesso em: 28/10/2021.

ORRICO, H. F.; FERNANDES, E. M. *Preconceito linguístico e exclusão*

social: a sociolinguística como ciência inclusivista, 2017. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/xcnlf/17/12.htm>. Acesso em: 18/10/2021.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000100012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 29/09/2021.

_____. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, v. 14, n. 2, p. 477-509, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 18/09/2021.

PANCIERA, S. D. P.; DE LIMA BUSO, M. S.; DE ALMEIDA SARGIANI, R.; DA SILVA DOMINGUES, S. F.; VALERIO, A.; MALUF, M. R. Cognição social e pragmática da linguagem: estudo com crianças autistas. *Psico*, v. 50, n. 4, 2019.

PIJNACKER, J.; VERVLOED, M. P. J.; STEENBERGEN, B. Pragmatic abilities in children with congenital visual impairment: an exploration of non-literal language and advanced theory of mind understanding. *Journal of autism and developmental disorders*, v. 42, n. 11, p. 2440-9, 2012.

RANGEL, A. F. M. Uma Nova Conceção de Linguagem a partir do Percurso Performativo de Austin. *Revista Letra Magna – Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, ano 01, n. 1, Porto Alegre, seg. sem. 2004. Disponível em: <http://www.letramagna.com/elianedefatimamanentirangel.pdf>. Acesso em: 28/09/2021.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981. (título original, 1916b)

SILVA, D. N. Pragmática, sociedade (e a alma), uma entrevista com Jacob Mey. *DELTA*, v. 30, n. 1, p. 161-79, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-4450201400010000>. Acesso em: 29/09/2021.

YIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALKER, N. *Neurodiversity*: Some Basic Terms & Definitions. 2014. Disponível em: <http://neurocosmopolitanism.com/neurodiversity-some>

basic-terms-definitions/. Acesso em: 29/09/2021.

WILSON, V. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, M.E (Org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

WOODS, R. *Exploring how the social model of disability can be reinvigorated for autism*: in response to Jonathan Levitt. *Disability & Society*, p. 1-6, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09687599.2017.1328157>. Acesso em: 29/09/2021.

YULE, G. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ZAKS, Z. Building the Enterprise: Designs for a Neurodiverse World. *Neuro Tribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity*. New York: Avery Publishing, p. 286-92, 2015.

Outras fontes:

AUTISM SPEAKS ORGANIZATION – EUA. Top ten autism studies, 2018. Disponível em: <https://www.autismspeaks.org/news/autism-speaks-names-top-ten-autism-studies-2018>; Acesso em: 14.10.2021.

DSM-V. MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS:

DSM-V (American Psychiatric Association – M.I.C. Nascimento et al., Trad); 5^a ed.; Porto Alegre: ArtMed, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. News deNova

Yorque, 2017. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2017/04/1581881-oms-afirma-que-autismo-afeta-uma-em-cada-160-criancas-no-mundo>. Acesso em: 14.10.2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento – CID-10 (versão em português da sigla ICD, do inglês International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems); Porto Alegre: ArtMed, 1993.